

82.0-31

C 972 m

C 92464377

**ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

GISLENE DA CUNHA

**O MUNDO EM DESORDEM: UMA LEITURA DA OBRA *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*,
DE CLARICE LISPECTOR**

PONTES E LACERDA – MT

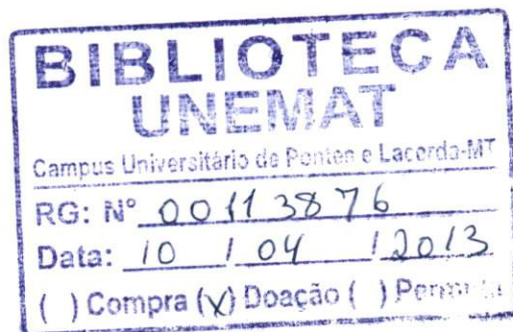
2012/1

GISLENE DA CUNHA

**O MUNDO EM DESORDEM: UMA LEITURA DA OBRA *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*,
DE CLARICE LISPECTOR**

Monografia de conclusão de curso, apresentada ao Departamento de Letras, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras. No curso de Licenciatura Plena em Letras do Estado de Mato Grosso.

Orientador: Epaminondas de Matos Magalhães



PONTES E LACERDA-MT
2012/1

GISLENE DA CUNHA

**O MUNDO EM DESORDEM: UMA LEITURA DA OBRA *A PAIXÃO*
*SEGUNDO G.H. DE CLARICE LISPECTOR***

Monografia apresentada a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Ms. Epaminondas Matos Magalhães
Orientador

Profº. Ms. José Pereira S. Neto
Banca Examinadora

Profº. Ms. Ricardo Marques
Banca Examinadora

Vida
É o amor existencial.
Razão
É o amor que pondera.
Estudo
É o amor que analisa.
Ciência
É o amor que investiga.
Filosofia
É o amor que pensa.
Religião
É o amor que busca a Deus.
Verdade
É o amor que eterniza.
Ideal
É o amor que se eleva.
Fé
É o amor que transcende.
Esperança
É o amor que sonha.
Caridade
É o amor que auxilia.
Fraternidade
É o amor que se expande.
Sacrifício
É o amor que se esforça.
Renúncia
É o amor que depura.
Simpatia
É o amor que sorri.
Trabalho
É o amor que constrói.
Indiferença
É o amor que se esconde.
Desespero
É o amor que se desgoverna.
Paixão
É o amor que se desequilibra.
Ciúme
É o amor que se desvaira.
Orgulho
É o amor que enlouquece.
Sensualismo
É o amor que se envenena.

Finalmente, o ódio, que julgas ser a antítese do amor, não é senão o próprio amor que adoeceu gravemente.

• Francisco Cândido Xavier

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, a minha mãe Seneir da Cunha, que mesmo morando em outra cidade, de longe sempre me estendeu o braço. A minhas irmãs, Rosicléia, Absa, Raiane e meu irmão Alex. Ao meu esposo Denivaldo. A todos meus sobrinhos que amo muito que sempre me respeitaram e compreenderam minha ausência.

Ao professor Epaminondas e as minhas amigas de classe pela amizade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, nosso grande herói, que me deu força e colaborou para que as coisas ocorressem bem e provou que precisaria errar para conhecer meus erros e lutar para que conseguisse vitória, me ensinou que viver não é fácil e que as coisas não vem de mão beijada. Agradeço a todos os fatos ocorridos na fase da minha formação, pois isso me ensinou a dar valor aos meus esforços e valorizar meus conhecimentos e ampliá-los. Mostrou que tudo que aconteceu de bom e ruim não foram por acaso, alias tudo tem seu propósito, o importante é que mantive força de vontade.

Agradeço a minha Mãe que amo tanto, motivo de minha força para nunca desistir, afinal ela quis essa formação tanto quanto eu é um dos sonhos dela ver uma filha formada.

E ao meu esposo que se manteve comigo todo esse tempo sem deixar que isso ou qualquer coisa destruísse nosso casamento, por me esperar chegar em casa todos os dias depois da meia noite, por agüentar meus choros e desesperos, algumas vezes de me deixar de servi-lo para estudar e não cumprir meu papel de esposa, para poder fazer trabalhos, cursos e outros, por ter sempre tomado do seu tempo pra me levar nas casas de meus companheiros de sala para estudar. E me ajudar, principalmente, financeiramente com todos os gastos na faculdade, que se manteve sozinho nessa batalha, sem me exigir que precisasse trabalhar para me manter, mesmo algumas vezes com dificuldades, sempre me deu força.

Meus sinceros agradecimentos ao professor Epaminondas de Matos Magalhães por me acolher na hora do meu desespero por falta de orientador e a todos aos professores da universidade que me ajudaram a adquirir conhecimento, sabedoria e me fizeram crescer como pessoa conhecedora na sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I-SENTIDOS DA PAIXÃO.....	10
II- <i>PÀTHOS</i> , ORDEM NA OBRA: <i>A PAIXÃO SEGUNDO G.H.</i>	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

RESUMO

O MUNDO EM DESORDEM: UMA LEITURA DA OBRA *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*, DE CLARICE LISPECTOR.

Gislene da Cunha

Prof^o Orientador Mestre e Doutorando Epaminondas de Matos Magalhães

O trabalho refere-se à obra: *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Mostra características que surge no sentido de paixão relacionada à obra trabalhada, centram-se na fantasia que surge no adulto, estar sempre buscando no outro a completude das coisas. É exatamente no que lhe falta que se dá o começo da busca constante, a focalização de algo tem o poder de espelhá-lo, essa falta constitui em G.H. que é uma demonstração da vida, que sempre traz mudanças repentinas nos acontecimentos do cotidiano, nada melhor que uma experiência de algo novo, para construir novos métodos e objetivos de vida.

A vida consiste num vazio, esse que nem o próprio “eu” consegue distinguir esse sentimento, alguns estudiosos presentes nesse texto definem o sentido da paixão, uma tendência muito forte, capaz de dominar a vida mental do ser.

Implica em apontar que o papel do leitor transmite no sentido de estar pronto para tudo que for oferecido pelo autor-narrador, esse é o tipo ideal de Clarice, um leitor disposto a um *páthos*; que se perde numa desordem para depois se reencontrar numa experiência que implica propositalmente a acontecer.

O conceito traz uma sensação apaixonante e ao mesmo tempo calorosa e sofrida, aqui se carrega a um *páthos*, onde todos fazem parte desse círculo, todos que participam da história; autor, narrador, personagem e leitor. Ao descontrole por falta de orientação, compreendido como um afeto que tende a vir a controlar.

A esse trabalho para o leitor, que se dá numa atormentada busca de cumplicidade, mistérios responsáveis pelo fascínio do romance. Então o fato acontecido no quarto não será mais a perdição e a loucura: será de novo a vida humanizada.

Palavras – Chave: G.H. desordem, paixão, ordem.

INTRODUÇÃO

(...) devemos saber que esta obra não tem sentido simples, mas, ao contrário, pode-se até chamá-la de polissêmica, isto é, que tem mais de um significado: pois o primeiro é o que se tem da própria letra e o outro o que tira seu sentido daquilo que se diz pela letra. O primeiro chama-se literal, o segundo, alegórico ou místico "

Clarice Lispector

A *Paixão Segundo G.H.* pode ser considerada um marco na escrita clariciana, ao mesmo tempo em que Clarice reafirma as questões metafísicas dos romances anteriores, traz também o problema da luta de classes.

No capítulo I - Sentidos da Paixão: G.H. conforme a tremenda desorientação que se via em G.H., o texto vai trazer argumentos relacionados num sentido de emoção que para alguns curiosos, esse sentido se proporciona que não é o sentido do uso comum normalmente se utiliza nesse sentimento o termo paixão para designar o estado de fascismo e arrebatamento.

Trazem algumas características do sentido da paixão relacionada no título da obra, quais as causas dessa paixão que fica subentendido em primeira estância, um sentimento mais forte que nem a personagem conseguia se identificar com a pessoa que era ela, essa que antes era uma imagem criada pelos outros, ela era quem as pessoas queriam que fosse, fazendo uma imagem própria, uma vida vivida às sombras, G.H. vivia pelos outros, não tinha vida própria.

Esse texto demonstrará que o ser humano leva uma vida superficial, por questões do cotidiano leva ao círculo vicioso e acaba repetindo os afazeres do outro, ainda mais se for bem vista pela sociedade como um "exemplo de vida".

Afinal o ser humano não tem necessariamente uma vida própria, não tem liberdade para nada, se fizer algo inaceitável pela sociedade logo será julgado. O desenho na parede e a barata trouxeram uma imensa admiração, de momento de vislumbre e pensamentos e levantou questionamentos. Ela se via retratada através deles.

No capítulo II – *Páthos*, ordem na obra, *A paixão segundo G.H.* lhe acompanhará nos caminhos que G.H. chega para uma vida em ordem. A vida em ordem oferece tudo que seja certo que leva a superação da angústia e que transcende os limites de si mesmo.

Todas as sensações da personagem, que traz um sofrimento que se rasteja de pouco em pouco, que leva ao *páthos*, e mostra a importância do leitor neste acontecimento que esse é a base de tudo.

O texto explicará detalhadamente cada sentimento da personagem, motivos esses que trás o *páthos*, que ocorre com base no acontecimento de G.H. vê na possibilidade de escolhas entre continuar a viver a vida cheia de ordem ou libertar-se e viver a partir de então uma nova vida. Alias a vida é cheia de escolhas, somos submetidos a decidir qual a melhor, e viver seu próprio caminho.

CAPÍTULO I

SENTIDOS DA PAIXÃO

Quem não tem pobreza de dinheiro, tem
pobreza de espírito, ou saudade por lhe faltar
coisa mais preciosa que o ouro.
Existe a quem lhe falte o delicado essencial.

Clarice Lispector

A obra *A Paixão segundo G.H.* de Clarice Lispector teve sua primeira edição no ano de 1964. Tem como foco principal o comportamento da personagem G.H., que se vê diante de um cotidiano angustiante.

As obras de Clarice Lispector se localizam na terceira fase do Modernismo (1945), e seu modo de fazer literatura é marcado pela originalidade do ser - humano e pelo seu modo não convencional de organizar o texto, fugindo das convenções estabelecidas, como a quebra da linearidade, da linguagem estereotipada, ou seja, foge dos esquemas fixos de composição.

A autora, no entanto, costuma respeitar seu leitor, na obra ela cria uma viagem de seus personagens, um novo espaço de liberdade, dentro do jogo ficcional, onde todos: o narrador, personagem e leitor são participantes ativos na história, percebe-se nas obras de Clarice que ela não se preocupa somente em contar uma história, sua maior preocupação é com as impressões, com os fatos em si, porque de acordo com Larthomas, (1998) o mais importante para Clarice está na repercussão dos fatos no indivíduo, este ato é percebido na personagem G.H.

O estilo estético de Clarice está em desvendar a verdade subjacente em cada um, mascarada pela casca da rotina, a tendência da obra é constituir personagens que contenham uma rotina diária, até que acontece um incidente que ilumina a vida do personagem, esse que começa a observar a vida a partir de outros ângulos e isso se manifesta através da linguagem, um nível do pensamento e da idéia, uma literatura de reflexão que o narrador estabelece na obra. O elemento de descrição da obra trás uma expressão simultânea, que oferece dificuldade na obra. O ponto de partida da obra são as interrogações sem respostas que a personagem se embrenha em sua vida externa e, em especial, em sua vida interna, mostrando os sofrimentos e angústias humanas.

Deteremos, a partir de agora, a análise da obra, sob a ótica da paixão. Segundo Maria Rita Kehl (1987), as características que surgem em relação à paixão, estão centradas na fantasia que surgem no adulto em relação ao estar apaixonado, a primeira esperança do (a) apaixonado (a) é encontrar no ser amado sua total completude e assim tornar se somente um. As fantasias do início de uma relação apaixonada não concedem existência própria ao outro, que se torna um depósito de fantasias, um representante da possibilidade de restauração. *O apaixonado pode escolher, então, quando das primeiras decepções, entre a morte da paixão ou sua própria. Essa sensação é obvio no ser humano, evidentemente que quase todos tiveram ou irá ter essa sensação de um ser apaixonado.* (KEHL, 1987, p. 475).

Para Silva (1987), no conceito de Platão, à paixão está diretamente ligado a idéia de "falta", a falta de alguém, falta de algo, se busca no amado o que não se possui. Assim, a paixão supre a falta e se torna plena. É assim que G.H. se caracteriza: pela falta, a falta constituída pela realidade. O ser esta sempre procurando a completude, sem encontrá-lo se sente vazio, a paixão veio para completar e preencher esse vazio, mas não significa somente falta de alguém, mas também de alguma coisa.

Em *A Paixão segundo G.H.* a personagem narradora começa do nada dentro da linguagem e inicia com indagações. Aos poucos o leitor é direcionado ao universo cotidiano da personagem que é levada pela rotina, que resolve arrumar a casa, um apartamento no último andar.

Sem ajuda da funcionária doméstica, que havia pedido demissão, G.H. resolve fazer uma limpeza no apartamento, preferiu começar pelo quarto de funcionários, achando que esse, talvez precisasse de mais limpeza, pois ao entrar no quarto teve uma surpresa em encontrá-lo limpo, ficara impressionada com o que vera, no impulso de abrir o armário do quarto, encontrou-se com uma barata que, subitamente, esmagara por ter sido levada pelo susto, depois sentiu um desejo imenso de degustar a matéria – viva, do branco da barata. E, a partir desse encontro que se sucede todas as sensações.

Clarice tem um grau a mais de preocupação em detalhar os atos da personagem G.H. que se identifica apenas com as iniciais do nome, que segundo Chiappini (1985, p.72) no aprofundamento do processo psíquico da personagem-narradora acaba por desmanchar a noção tradicional de personagem, fragmentada agora nessa voz sem rosto que no limite é expressão do inconsciente, para além do caráter retratado pelo romance psicológico (p.72). É perceptível na obra que há uma perda da identidade, a personagem se sente com essa falta constitutiva do sujeito, percebe-se também no texto uma desorientação profunda nos pensamentos da personagem.

Logo no início da obra, a personagem entra em um ato de confissão, confissão essa que se é dada ao leitor, que é declarada que sua preferência é por leitores de alma já formada, percebe-se uma expressão na necessidade imensa de compartilhar o fato com alguém, nesse exato momento que é percebido essa falta, ela está a procura de alguém que possa supri-la, e esse alguém tem que ser de tremenda confiança, por se tratar de um enredo banal, pois o que ela conta não é aceitável pela sociedade, pois comer um inseto não é nada normal, sabendo que essa é de autocrítica, ainda mais se tratando de vida privada.

Com tal revelação do ato de comer a barata, a personagem sofreria discriminação pela sociedade por ser algo banal, jamais ter ouvido na história da humanidade alguém que tenha sido capaz de cometer tal ato, esse teria sido considerado irracional, como se sabe a autora aprecia trabalhar com essa personalidade irracional. Esse desejo imenso do ato de comer o inseto é caracterizado como um processo de paixão, que foi priorizado por esse instinto irracional, esse desejo voltado para o mundo das sombras, abandonando-se a busca da realidade essencial. Essa é a sensação que obtemos ao sermos tomado pela paixão, seja ela qual for. Segundo Kehl (1987), aliena a pessoa que fica cega para seus desejos, centra-se ao desejo do objeto original, sendo o ser humano um animal, essa certamente é uma das principais características para as paixões. O seu grau de dificuldade ao tornar-se um deles é equivalente a pulsação dominada pela paixão, para Kehl (1987) essa paixão chega ao conceito de sublimação, que seria a possibilidade de expressão simbólica desses desejos. Assim, a

paixão bem-sucedida costumaria ser silenciosa. Daí a passagem ao *amor sublime*, no qual "o desejo, longe de perder de vista a carne que lhe deu a luz, tende em definitivo a erotizar o universo" (PERET apud KEHL, 1987, p. 485). Esses estudiosos questionam se seria possível uma *paixão bem sucedida*? Ou, se para o efeito desejado, seria necessária uma (des) idealização e dissolução.

Paixão, não é tão simples conceituá-la, por fazer parte da vida do ser humano, esse tem o sentido de tendência, uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental, o que fica difícil quando possuído é dominá-lo, mas ela que nesse caso é quem domina. É interessante saber que para nós o significado da palavra "paixão" traga o sentido etimológico de "Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado pelos filósofos de paixão (*Pathós*) relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça" (LEBRUN, 1987, p. 17).

Percebe-se na história um desdobramento no tempo que é de grande importância para a narrativa, pois apesar de narrar em primeira pessoa, temos um "eu" interno na narrativa que vive os acontecimentos descritos no dia anterior da narrativa, pois para CHIAPPINI (1985) a narrativa se fragmenta em múltiplos centros, começam a desconfiar das visões totalizadoras e explicativas do universo, porque é visto fragmentado, caoticamente e dividido, as expressões das narrativas que os autores produzem está tão evoluída que nem a religião nem a ciência conseguem mais segurar as inseguranças e as desconfianças de descobertas. (p. 71).

Assim, em *A paixão segundo G.H.* a figuração desse tempo serve para dar possibilidade da personagem pensar no acontecimento e levantar interrogações, porém, a personagem é ao mesmo tempo necessária, para o relato da própria experiência. Ela viveu algo que não entende, por isso, no início da narrativa ela declara estar procurando algo, que não tem certeza se achará e poder entender e por isso precisa contar isso que ela viveu por alguns instantes que parecia ser eterno, *tem a ver com ter perdido algo, algo tão inútil como "uma terceira perna". Inútil mas essencial. Sem essa "terceira perna" ela vê-se diante do desamparo do encontro com a liberdade: ... eu quero ser presa. Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir.* (LISPECTOR, 1998, p.13).

Para Poe, na *teoria do conto* esse efeito é único na impressão que causa no leitor é o mais importante, a impressão do acontecimento. Para o leitor é como um momento especial em que algo acontece, no entanto, surgem dúvidas nesse caso, com relação ao que vem a ser esse momento especial. Esse momento especial considerado como epifânia, como forma de representação do objeto na realidade, é o que significa o "foco ao objeto pelo sujeito" (GOTLIB 1995, p. 51). Enfatiza que ao perder algo, que nem a personagem consegue identificar e nem explicar, esse ato a assusta muito, ela precisa contar a alguém e para isso ela pede uma mão que lhe acompanhe nessa narrativa, para sentir mais segurança. Essa mão é uma presença que ela inventa diante desse enorme desamparo de não encontrar palavras que designem o que viveu. Essa mão que designa um lugar muito preciso para nós, seus leitores,

que acompanhamos todo o desenlace da experiência da personagem, que vai mudando de nome, ganhando um alto grau de intimidade.

G.H., no exato momento que vislumbra as coisas presentes no quarto, isso provoca subitamente toda uma mudança em seu comportamento. Inicia-se, exatamente, nesse momento, uma desorientação, certo desligamento da realidade, que vai atingir o seu clímax, experimentando outro tipo de percepção das coisas. Uma experiência de índole moderna, que representa um estado de crise e que, entre tantos outros possíveis sentidos, pode significar o da situação da mulher. Mulher abafada, por uma vida familiar que não cabe a expansão de suas potencialidades mais individuais e mais profundas e em que acaba perdendo sua identidade, a qual vislumbra temporariamente na sua plenitude (GOTLIB, 1995, p. 54) *Naquela manhã, antes de entrar no quarto, o que era eu? Era o que os outros sempre me haviam visto ser, e assim eu me conhecia.* (LISPECTOR, 1998, p. 24) Neste trecho, remetemos à filosofia de Heidegger (2000) para situarmos a existência extraordinária de G.H. que suprime sua existência em favor da civilidade, da vida social, passa a viver a imagem que os outros fazem dela, ou seja, ela vive pelos outros, não tem vida própria. O modo impróprio do ser se eleva ao máximo na colaboração na perda dessa identidade, vive apenas às sombras da vida, ao reflexo do que é em essência. Para esse filósofo a existência inautêntica é referida pelo próprio cotidiano, que trazem a tragédia na vida do ser humano, constituída pela destruição da própria personalidade. G.H. declara na obra o seguinte *Minha tragédia estava em alguma parte. Onde estava meu destino maior? Um que não fosse apenas o enredo de minha vida (...). Só o meu destino pessoal era o que eu conhecia. E o que eu queria.* (LISPECTOR, 1998, p. 25)

Heidegger afirma que desde o momento do nascimento do ser humano até a morte, o sujeito tem essa sensação de falta de liberdade de ir e vir. Heidegger aponta que desde o momento que se tem a noção de vida, tem uma a sensação de ter sido jogado no mundo, de estar jogado ainda, por não obter uma resposta concreta sobre a nossa existência, a sensação de estar jogado, absorvido e esmagado por esse mundo sem saber a razão do “ser”, de fato este aspecto foi cunhado como fatalidade, sem a explicação concreta, somos remetidos a acreditar nos argumentos das pessoas que se julgam saber sobre a existência. GOTLIB (1995).

Nesse caso, o existencialismo retrata o interior do ser que se projeta para fora de si mesmo, mas esse não pode ultrapassar a fronteira a que se encontra submetido. A personagem G.H., por exemplo, quando estava sozinha por alguma razão, sentia-se rebaixada em relação aos outros e até em relação a seu comportamento perante os outros e quando se via em retratos descobria um abismo, a constante revelação de si a angustiava, precisava se reconhecer nas fotos, e como não reconhecer a si própria? Via apenas um vazio, um desenho nu como o da parede e nessa sensação se via em seguinte reflexão de si, das coisas:

Eu me atardava à mesa do café, fazendo bolinhas de miolo de pão – era isso? Preciso saber, preciso saber o que eu era! (...). Sou agradável, tenho amizades

sinceras, e ter consciência disso faz com que eu tenha por mim uma amizade apazível (...) eu me trato como as pessoas me tratam, sou aquilo que de mim os outros vêem. (LISPECTOR, 1998, p. 24-26)

Um dos pontos emergentes da existencialidade está presente nos episódios da vida, principalmente, na acomodação do ser humano em deixar a vida “morna”, ou seja, sem atividades contínuas, assim leva o ser humano a ter uma vida superficial. Percebe-se que Lispector não admira nada que seja morna, tudo indica que a acomodação do ser humano leva ao círculo vicioso de comparação com o outro ser, ou seja, estar sempre repetindo os afazeres, e se espelhando no outro, sempre se comparando com os outros, principalmente, se for uma vida supérflua, já no caso de uma vida corrida, cheia de atividades, compromissos, afazeres fazem com que intensifica essa rotina e tornam menos monótonas.

Diante a situação de G.H. no seu estado de angústia em pensar no absurdo que acontece na vida terá de escolher entre, uma vida em ordem, que segundo Heidegger (2000), a vida em ordem oferece fazer da vida tudo que seja certo que leva a superação da angústia e que transcende os limites de si mesmo. Para Heidegger (2000) a hipótese da angústia alcança esse mesmo fundo da existência como poder, tem como possibilidade permanente da liberdade, a angústia Heideggeriana, por exemplo, é vertigem da angústia denominada pelo Freud, como “refluxo do eu”, denominação pelo temor, pelo menos isso na vida cotidiana não diferencia esses dois sentimentos, cuja distinção parece constituir mera questão de palavras. A personagem, portanto, deverá escolher entre passar pelos “caminhos já percorridos” ou abrir passagens, fazer seu próprio caminho, essas são suas escolhas que terão que ser tomadas para uma vida melhor, sem receio. Todavia, não há caminhos traçados e a impropriedade do ser habita exatamente nisso: em “escolhas”.

Outro fato interessante na história se encontra na admiração de G.H. com o desenho que estava presente na parede do quarto, esse feito a carvão que fora desenhado pela empregada, que trouxe grande vislumbre e momentos de pensamentos e interrogações. *O alívio vinha de eu caber no desenho mudo da caverna* LISPECTOR (1998, p. 65) esse desenho representava para ela, um desenho mudo como se fosse da caverna, representando os ancestrais, o homem antes da civilização e da (des) humanização. Logo G.H. vê à luz dessa época de pré-humanização e sente a necessidade de ir além, de transpor os limites do tempo e se ver nesse tempo, se descobrir como essência, e averiguar o que precede toda a domesticação da civilidade a qual estava largamente acostumada. Aquele desenho feito de carvão na cal da parede era ela, se via ali, nua, *a nudez vinha apenas de tudo que cobre: eram contornos de uma nudez vazia.* (LISPECTOR, 1998, p. 39).

Os três seres presentes na pintura da parede estavam totalmente imóveis, de fato, mas no raciocínio de G.H. dava uma sensação de seres que olhavam só para frente como se nunca tivesse a sensação de olhar para os lados. Se tratando de seres da antiguidade, pensa-se que eles não possuíam liberdade de agir. Diante a imagem do quadro ela se vê retratada em um desenho mudo de carvão e cal, decide explorar aquele espaço até então oculto, não teme o perigo da falta de sentidos, posiciona-se diante dessas incertezas. Neste momento, é iniciado o seu ritual de epifânia. Sua tarefa é iluminar a vida em face do absurdo da existência, apesar, ou melhor, exatamente por ser absurda e trágica deverá afirmar a vida, amá-la em sua plenitude. Eles se situam no nível evidente designado por LACAN (2005) que diz estarmos definido num sentido de emoção que não é o sentido do uso comum, normalmente, se utilizaria o termo "paixão" para designar esses estados de fascinação e arrebatamento, lugar da captação imaginária.

Finalmente, esse estado de paixão, coloca em evidência como o papel da paixão, que caminha ao lado do sentimento e da emoção, que tinha basicamente optado por um lado ou por outro do abismo, e que ainda está à busca de um compromisso entre suas bordas. O afeto é um fenômeno de descarga da emoção ou de investimento no sentimento. Essa sensação é mais dependente e mais próximo da energia pulsional da representação, no caso isso acontece com aquela imagem de carvão, no que representava para G.H., nela desloca a sensação de "representação e energia" para "pensamento e ação" é o que o direito neste campo se dá a representação à paixão que torna tudo possível.

Já na emoção, o real trás uma figuração do ser considerado supremo, consigo há um significado fundamental que determina e justificam todos os outros. No sentimento, ele é o silêncio desagregador que nada diz, só dispersa os sentidos estabelecidos. No caso da paixão, aí sim será o paradoxo de uma escrita que não é comunicação, por estabelecer um sentimento mais forte, uma mensagem fora do sentido. O modo mais imediato de prender a atenção é através da imagem de três seres, desenhados a carvão.

Após as observações do desenho sua próxima missão foi abrir a porta do armário, essa significação que segundo Bachelard (2005), o armário é um espaço reduzido que representa solidão, é caracterizada como imagem de intimidade, essa matéria física cria um espaço da imaginação e da emoção dando assim, ao seu leitor, a possibilidade de introduzir na vida cotidiana imagens de um espaço feliz.

Bachelard (2005) trabalha as imagens da vida que atraem e tocam a sensibilidade de uma vida ideal. Como todos os elementos colocados nesta e em outras obras de Clarice, as

palavras de significação presentes na obra não estão colocadas aleatoriamente, e tem por função compensar as ausências da vida e dar sentido a vida.

Nessa ação tão repentina de abrir a porta do armário, move-se uma barata dentro do armário. A porta, por exemplo, representada na história, de fato é um imóvel que presencia na obra, mas que obtinha tal significado: a sua abertura tem um significado da fronteira a ser ultrapassada. Conforme o pensamento de G.H. essa que já estava dominada pelo transe, em comunhão com a natureza, pois tal comunhão é possível porque ela e a barata são oriundas da mesma substância e fazem parte de um todo.

Sem nenhum pudor, comovida, grata, pela primeira vez eu estava sendo a desconhecida que eu era – só que desconhecer-me não me impedia mais, a verdade já me ultrapassara: levantei a mão como num juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio emergido da barata. (LISPECTOR, 1998, p. 53)

No ato de matar a barata G.H. sentiu que matara algo em si e projeta em sua consciência o reconhecimento de si, que de acordo com Lacan, esse não é um estado de espírito, é simplesmente uma falha moral, um pecado, o que significa uma covardia moral, que só é situada, em última instância, a partir do pensamento, o que se segue bastando com essa covardia, pelo próprio inconsciente, é o retorno no real daquilo que foi rechaçado: é a excitação maníaca pela qual esse retorno se faz mortal. LACAN (2005)

Neste momento, segue a etapa do rito epifânico, a morte. *E vi metade do corpo da barata para fora da porta. Projetada para frente, ereta no ar, uma cariátide. Mas uma cariátide viva.* (LISPECTOR, 1998, p. 54)

Perdi alguma coisa que me era essencial, e que já não me é mais. (...) assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável. (...) E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar. Mas a ausência inútil da terceira me faz falta e me assusta, era ela que fazia de mim uma coisa encontrável por mim mesma, e sem sequer precisar me procurar. (LISPECTOR, 1998, p. 11-12)

A terceira perna que tornava G.H. parece essencial para o ser humano, um servo a Deus que estava morto. Tomando como base o aforismo perante a Ciência de Nietzsche pode-se interpretar a perda da terceira perna como o crepúsculo.

Algum sol parece ter se posto, alguma velha e profunda confiança parece ter se transformado em dúvida (...) Mas pode-se dizer, no essencial, que o evento mesmo é demasiado grande, distante e à margem da compreensão da maioria (...) e tudo quanto irá desmoronar, agora que essa crença foi minada, porque estava

sobre ela construído, nela apoiado, nela arraigado toda a nossa moral (NIETZSCHE, 2007, p. 343)

A descoberta de um Deus em si, e não fora de si, motiva um grande mal-estar em G.H., visto que a partir desta nova descoberta, tudo que havia de concreto e lhe ordenava a vida, desmorona. *Já estava havendo (...) os primeiros sinais em mim do desabamento (...) que ruíam sob o peso de camadas arqueológicas estratificadas.* (LISPECTOR. 1998, p 44).

Junto com o desmoronamento da vida da personagem vem à desordem, essa desordem significa a chance de se recomençar, começar a pensar no essencial da vida sem que deixe a vida “morna”, a vida calma, essa provavelmente entraria numa grande rotina, mas se teve a chance de largar os antepassados, a vida que conforme as pessoas tinham uma ordem a antiga vida cheia de regras e alienado, G.H. vê-se diante dessa desordem em que não consegue mais se encontrar, a angustiada ausência de si traz consigo o imperativo da ordem. É imprescindível organizar-se, mas não da forma antiga, essa embora confortável já não seria mais possível, a personagem estava entre voltar a vida ordenada pela humanidade ou deixar a vida seguir depois dessa desordem, a desordem vem unida a morte da antiga ordem e ao nascimento de uma nova.

A personagem G.H. declara sermos assassinos de nossa própria consciência. No momento de desespero há um reconhecimento de Deus dentro da obra, como resgate de si, se constata nesse episódio uma paixão em conformidade a nossos hábitos de espíritos, é o que acontece normalmente com todos os seres humanos, recorrer a paixão de Cristo para amenizar a dor e angústia diante de algum sofrimento, sempre recorrendo a ajuda de forças maiores. Ela pede na prece que Deus a ouça e ajudar voltar à consciência, porque naquele momento em diante nem ela não saberia como iria continuar sua vida normal, a única coisa que já sabia, era que jamais seria a mesma, e só consegue sua mudez, sempre fica o vazio, esse momento se concede no conhecimento estético, que conforme ECO (1994) se estabelece *na aproximação com a personagem e a natureza, da crença na palavra, encontra se então a história da revelação de um destino que se revela por conhecimento estético superior do universo, manifesto na imersão mágica da natureza, faz-se aflorar os sentidos em atos até mesmo sensuais.* ECO (p. 21) *o silêncio de Deus agora é como um grito mudo e sufocado.*

Talvez soframos demais as primeiras consequências desse evento – e estas, as suas consequências *para nós*, não são, ao contrário do que talvez se esperasse, de modo algum tristes e sombrias, mas algo difícil de descrever, uma nova espécie de luz, de felicidade, alívio, contentamento, encorajamento, aurora. (NIETZSCHE, 2007, p. 343)

A personagem nunca se sentiu tão próxima do inferno naquele reconhecimento do “eu”, esse que parecia nunca acabar, mas por incrível que pareça sentiu uma alegria enorme nessa liberdade, que segundo ela foi banal, o homem se vê diante de si seu caminho se dá o

direito de escolhas, mas as escolhas não são simples, são angustiantes, por isso sentiu perto do inferno. Aquela massa branca que surgia da barata representava o que despontava em si, era uma massa neutra. E o neutro era infernal. *Era com alegria infernal que eu como que ia morrer começava a sentir que meu mau passo mal-assombrado, e que eu estava pouco a pouco abandonando a minha salvação humana* (LISPECTOR 1998, p. 83)

Segundo a personagem, a imagem da barata que a olhava fixamente, trazia consigo a imagem dela mesma, percebe-se esse sentimento depois de alguns instantes de admiração. Assim como ocorreu na imagem do desenho de carvão na parede, trouxe uma sensação de liberdade em tomar daquela matéria-viva e assim atingiu seu clímax no instante em que G.H. via-se intimada a beber daquela massa branca, neutra, insossa que lhe revelaria toda a verdade. E a verdade se revelara de maneira alegremente trágica: *diante da barata viva, a pior descoberta foi a de que o mundo não é humano, e de que não somos humanos*. (LISPECTOR, 1998, p. 69)

Para CHIAPPINI (1985, p. 12) o narrador do romance:

Se prosifica na narrativa uma visão prosaica do mundo, quando se individualizam as relações, quando a família se torna nuclear, quando o que interessa são os pequenos acontecimentos do cotidiano, a personagem torna-se íntima do leitor, porque se dirige diretamente ao leitor ou porque nos aproxima intimamente das personagens e dos fatos narrados. Chama a atenção para a banalidade da história, um assunto que parece ser simples, no entanto complexa.

Pode perceber também na história uma desorganização da mente, no instante em que esta sempre retomando o que já foi dito, se depara com constantes repetições na obra, repetições de estar voltando a descrever o que já foi dito.

Portanto, a coincidência entre o tema do livro e a narrativa se constata no que nela põe em ato, um romance descritivo que fala de amor, paixão, desejo, mostra ilusões, ficções, e um grau elevado de convencionalismo da personagem, no seu lugar de passagem, e a transição que aí se opera na obra de Clarice tudo se encaixa com o tema. Apesar de uma história banal, a autora a revela com palavras apaixonantes a ponto de poetizar e até umas palavras eróticas que transmitem sensações.

A narradora até agora privilegia à descrição da experiência propriamente dita da “Paixão”, porque parece importante o modo como Clarice cria o “clima”, esse ar apaixonante, acontece na personagem todas as sensações de uma paixão a primeira vista no momento do encontro de G.H. com o inseto, mas essa paixão caracterizada na história está ligada a linguagem que torna intensa e calorosa, que emociona na sua forma de expressão e imagens

ardentes, que nos introduz no interior da vida vazia dessa tal mulher e também no exterior dela e no acontecimento do cotidiano que fora tão banal, numa situação de uma dona de casa levada pela arrumação, que ao entrar no quarto da empregada, que tinha sido demitida, pode trazer tal deslocamento das perspectivas identificatórias que orientavam a sua vida, provocam uma verdadeira privação subjetiva.

Clarice fala em susto. Mas, sua personagem prefere chamar de medo e “gozo”:

O medo grande me aprofundava toda. (...) E estremei de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce – como se enfim eu experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. (LISPECTOR, 1998, p. 52-53).

Clarice constrói seu texto, portanto, no “mais além”, de uma paixão se dá no principio do prazer, essa paixão, nesse trecho, é tendência muito forte e bastante duradoura a ponto de ter força de dominar a vida mental, e nesse domínio o indivíduo tende a ser menos racional, priorizando o instinto de possuir o objeto que lhe causou o desejo, mas não deixa de passar por suas figurações.

Em alguns trechos em que se coloca a questão da maternidade, definitivamente desvenda-se que G.H. tinha feito um aborto, alguns anos atrás, pelo qual se culpa esse aborto lhe atormentada e muito e essa fertilidade infinita da barata com seus 15 milhões de filhos a trás uma imensa inveja. Essa barata que, como expressa, julga ser fêmea, pela figuração que posto que morresse pela cintura e teoricamente “só as fêmeas morrem pela cintura”. A morte da barata é, nesse momento, a morte da mãe, até ela mesma como mãe, mas também da mãe como outra, que trás um ideal.

Para Jorge Luiz Vargas, em “Coisas de poeta” a paixão se caracteriza como um sentimento que ameniza a dor, que valoriza alegrias, que nos trás fantasias, que nos dá a vida um novo sentido de viver e quando não temos a procura é incansável. Nele se observa um olhar que nos gela... a gente se entrega, se doa, vira-se até pelo avesso, a ponto de cometer qualquer sacrifício que lhe surja. Na paixão tudo se transforma em intenso prazer é onde se perde a estrutura do ser, e esse estado latente é percebido claramente na paixão segundo G.H.

Como vimos início, Freud atribuía às questões do feminino, uma especial qualidade quase como se nos dissesse: o feminino é o próprio “Estranho Encarnado. G.H.” vai mais além, como dizíamos, ela transforma o estranho em gozo e esse gozo em prazer e alegria.

Em se tratando de paixões essas se movimentam o tempo todo na obra, a personagem que esta em constante mudança, mudança essa que a trás alegrias, certo desejo realizado,

movimentam o espírito do ser humano, são transações que o ser humano sempre esta por satisfeita, essa é a verdadeira causa da paixão.

Uma problematização de idéias em torno do que é "proibido" e do que é "permitido" dentro da sociedade, num estado de direito, na esfera da lei que preside a organização da sociedade. A autora se envereda por questões que serão centrais em suas histórias, defendendo a tese de que não coincide nesse trecho o direito de punir, passa não existir no seu conceito esse termo, "não há direito de punir". "Há apenas poder de punir" (LISPECTOR, 2005, p.45), eis que "não há direito de punir porque a própria representação do crime na mente humana é o que há de mais instável e relativo, as rotinas e condutas provocam ainda mais esse desejo infinito, uma falta de controle é atizado, mais seus riscos são eminentes, pode trazer a cuja despersonalização do individuo, como podemos julgar se punir baseia apenas em que o critério de julgamento para tonalizar o tal ato como criou.

Para o estudioso LEBRUN (1987):

Agimos, claro, não como seres incapazes de convivência antropofágica com as paixões em temos que não suportam um agir correto em harmonia, porque as dominamos de uma vez por todas. Não só aprendemos a agir de modo convenientemente, mas sentimos o Páthos adequado é super satisfeitas, e riscos mais eminentes.

Ao trazer para a cena literária, justamente, essa narrativa filmica invisível para os brasileiros, o que Clarice realiza é um ato político por meio da palavra, uma manifestação de protesto por meio da linguagem que está ao seu alcance. A Clarice sendo uma autora-modelo, que segundo ECO (1994) se trata de uma autora que fala afetuosamente ou dissimuladamente, que nos quer a seu lado. Um conjunto de instruções se baseia na obra, que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir o como leitor-modelo.

E o principal ponto de convergência se manifesta na função criativa da palavra, a palavra é valorizada na obra, principalmente, quando inserem coisas ou seres existentes fora delas como forma de criação de novas realidades e de conhecimento que se efetua principalmente graças ao plano da expressão (ECO, 1994, p. 21) lembrando, que também para Eco "atos são palavras" e que sua "ação é a das palavras".

Encerramos este primeiro capítulo com uma passagem do texto que aborda claramente essa transformação:

É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros e a das coisas, e aceitá-la como a possível linguagem. (...) O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (...) Desistir é a escolha mais sagrada de uma vida. Desistir é o verdadeiro instante humano. E só esta é a glória própria de minha condição. A desistência é uma revelação. (LISPECTOR, 1998, p. 175-176)

CAPÍTULO II

PÀTHOS, ORDEM NA OBRA A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

Clarice Lispector

O leitor, a princípio, sem aprofundamento da história não consegue entender a relação do título com a história em si, mas segundo alguns estudiosos que seguiremos adiante, isso faz com que o leitor tenha noção do objetivo da autora, que é levantar questões e tentar respondê-las e o mais importante mostrar que esse não é um livro qualquer, pois trata de uma narrativa profunda e complexa ao problematizar a existência do ser.

A história em si fica muito óbvia para um simples leitor, um leitor comum, que enxerga somente o exterior que consegue captar somente a história e os acontecimentos: uma dona de casa, de classe alta, que tinha uma empregada, essa lhe pediu as contas e ela resolveu fazer o trabalho doméstico sozinha. Que prefere começar o serviço pelo quarto que se considerava mais abandonado, por não ter ninguém dormindo nele, e ao chegar ao quarto se engana, pois o quarto aparentemente parecia limpo, de repente ao abrir a porta do guarda roupa encontra uma simples barata e por um impulso esmaga-a na porta do armário, e depois por curiosidade experimenta o interior da barata. Mas para o leitor crítico, não é somente isso, vai além das esculturas, esse levanta vários questionamentos e hipóteses, um leitor que se identifica com os pensamentos da personagem-narradora.

O leitor desejado por Clarice estaria disposto a tudo; a ser arrastado pelas páginas da obra, em um *Páthos* semelhante ao de G.H. que se perdeu para reencontrar-se, que passou pela fina morte de manunseiar o proibido da vida, numa experiência que implica para acontecer, perda de identidade ou nas palavras de NUNES (1995) quando este se refere a possibilidade de uma história patética do próprio romance, que são momentos de verdade da literatura. Na narrativa de G.H. nos deparamos com dois aspectos interessantes na fisionomia do ser, por exemplo, a beleza e a feiúra, quais questionamentos podem ser levantados a respeito dessa diferenciação.

Esses momentos de verdade mencionados antes se dão ao reconhecimento da paixão como força de leitura, igualmente como a força da escrita está presente na obra, texto singular e incomparável, passional e apaixonante. Para NUNES (1995) o passional se dá na medida das paixões vertiginosas que na obra é patética na sua forma de expressão intensa e calorosa, numa paixão que dá força na leitura que revive a paixão como força de escrita.

No entanto, as partes belas da história se divergem: na linguagem, nas palavras encantadoras e nas imagens que trazem na mente do leitor, esse se coloca no lugar da personagem, como se passasse a viver a história do livro, imagens estas transmitidas pela personagem G.H. A história de G.H. poderiam levar o leitor a um distanciamento, principalmente, quando ela come a barata. Diverge-se das outras porque os seus aspectos são unitários: o belo sempre trás a sensação positiva das coisas é um aspecto admirado pelo ser

humano e, no entanto sedutor, *a beleza é o aspecto mais sedutor do ser: todo homem normal é instintivamente atraído por aquilo que ele considere belo*. De acordo com LYRA (1986) no entanto, na barata não há um conceito universalmente válido de beleza. Essa elaboração de junta-las é proposital da autora, porque ela própria não considera o atributo da beleza o mais importante no ser humano, para Clarice o mais importante é a essência, na obra essa categoria não muda, o importante nela é a essência e não a imagem.

De fato, um olhar fascinado, pode trazer várias interpretações, independentemente de belo ou feio, o fascínio é tudo, e na obra é observada essa diferença, em que nem sempre o belo é que trás coisas boas, pensamentos bons, G.H. é uma grande demonstração dessa quebra de linearidade. Seus afetos eram dominados, submetidos à pulsão do fascismo. Parecia assim forçosamente indiferente ao bem e ao mal, ao belo e ao horrível. Na verdade, à paixão; não carecia da centelha sagrada que é direta ou indiretamente a força motora de qualquer atividade humana. Apenas convertera sua paixão em sede de conhecimento e entregava-se, então, à investigação com a constante persistência e penetração que derivam da paixão quando é atingido o auge de seu trabalho intelectual, isto é, a aquisição de conhecimento, permitia que o afeto há muito reprimido, viesse à tona e transbordasse livremente conforme afirma LACAN (1998, p. 360)

Há, nessa transmissão de imagem, uma relação que envolve os sentimentos entre o amor ou ódio que para o pesquisador esta relação está ligada ao pacto entre o não querer saber de si e a suposição de que o outro detém esse saber, ou seja, a ignorância seria uma paixão derivada das duas primeiras, como sugere Freud, ou originária e desde sempre constitutiva do ser, como afirma Lacan A falta do ser determina na paixão a busca de completude no “outro”. Trata-se do “outro” ou de outro imaginário. As paixões dão também consistência ao “outro”, buscando o ideal no amor, o apagamento no ódio, a repugnância que G.H. obtinha pela barata e o saber na ignorância.

Na obra, apresenta a focalização de algo exterior ao sujeito que tem o poder de espelhá-lo, ver e simultaneamente ver-se como imagem o que se configura um procedimento estético ligado ao poder da percepção, se observa claramente que o ato de ver ultrapassa o de entender, em que atos de ver/ viver ultrapassam o de entender/ compreender, optando pela inutilidade da visão, em detrimento do utilitarismo das racionalizações. AMARAL (2005, p. 34) tudo aquilo que, pela proporção e harmonia de suas formas, trás através do olho/ ouvido ou da imaginação/ recordação produz na sensibilidade uma sensação de prazer, este é um ponto divergente em G.H. no instante de transe, o inseto trouxe esses momentos que reproduziu essas sensações.

Há na obra um jogo de projeções que ocorrem por meio deste contato á distancia que se converte em (re) encontro, (re) descoberta (re) conhecimento do outro e (re) conhecimento do mesmo via identificação com o outro – sendo esse por excelência o processo de percepção que desencadeia seu movimento mais importante: a partir e por meio do “de fora” (a imagem) chegar ao de dentro (a matéria viva) e conseguir tocá-los. (AMARAL, 2005, p. 35)

O objeto recordado, até o atual momento, trata-se mais de recordação do que prazer, porque o prazer antes já fora aprovado. Na teoria de LYRA (1986) as coisas não precisam necessariamente ter a aparência de belo para dar prazer, nem sempre pela sua beleza que o objeto imaginado ou até mesmo recordado pode proporcionar prazer: quase sempre ele decorre do seu conteúdo afetivo, esse caso ocorre com G.H. a sua percepção veio não pelo que é belo e sim que trás a afetividade exatamente por isso trás de um modo passional e doloroso que se deseja o prolongamento da permanência das sensações, que no conceito de *páthos*, traz uma sensação apaixonante e ao mesmo tempo calorosa e sofrida.

Compreendido como um afeto que pode vir a controlar, o *páthos* carrega, originalmente, dois conceitos bem diferentes: o *passional*, que nele surgiu à ética, e o *patológico*, que remete ao diagnóstico médico. Como exemplo para facilitar o entendimento; o conceito de crime passional como circunstância atenuante, se dá o ato provocado por impulso demasiado forte que é resultado da fraqueza de um indivíduo que, responsável por suas paixões, não consegue controlar-se, pode ser considerado como uma doença que coloca o ser fora de si mesmo. Ao desconsiderar os conceitos de vontade e responsabilidade, renuncia-se à distinção entre passional e patológico. É o que a Medicina atual procura fazer com seu novo fatalismo científico, considerando patológica a paixão, algo a ser curado. A paixão não é mais um componente do caráter que deve ser governado, mas um fator perturbador.

As paixões ultimamente vêm sendo ocasionadas pelos sentimentos de amor e ódio ou vice-versa, aparecem aqui como lados de uma mesma moeda, moeda essa cuja ocorrência é o englobamento, imaginário. Assim, no amor, o objeto engloba o eu para aumentá-lo, no ódio o eu incorpora o objeto para ser destruído.

G.H. atribui qualidade a esse objeto não sensorialmente perceptível se ele é belo, assim teremos aí um caso de beleza não produzida pela natureza nem pela ação prática, muito menos captada por esse sentido, mas sim produzida pela imaginação e captada pelos sentidos e sentimentos, produzida pela imaginação e captada diretamente pelo cérebro.

Sendo a sua faculdade mestra, a arte tem um valor tão grande que encontra na imaginação a razão de sua natureza radicalmente estética, principalmente produzida por ela, e a personagem que coincidentemente é escultora e propositalmente está ligada de certa maneira pela estética exterior, ela trabalha com a única faculdade humana que produz beleza sem dependência dos sentidos á imaginação, e na fantasia. Tendo um efeito único sempre produz prazer a beleza não apresenta valor negativo. (LYRA, 1986 p. 31-32)

A feiúra, que é outro aspecto transitivo da categoria da aparência do inseto, tem como o seu oposto, tem um valor unitário negativo, por produzir sempre uma sensação de terror, por isso mesmo acaba sendo o aspecto com maior poder de impressão sobre o sujeito.

O feio é o atributo de tudo aquilo que, pela desproporção ou deformação dos traços de sua aparência, desperta uma sensação de medo e até mesmo de terror, essa sensação remete, imediatamente, para o instinto de conservação: infundindo uma sensação de medo, medo esse que G.H. sentia antes do encontro, o feio se liga ao receio de impotência no caso de enfrentamento. Um ser de reduzidas dimensões, por mais desproporcional/ disforme que seja não tem o poder de produzi-la, simplesmente, porque não ameaça a sobrevivência do sujeito que o constata.

Ali o feio acaba se configurando como aspecto de maior influxo sobre o homem, aquele que possui maior concentração de transitividade. No entanto, e talvez pela repugnância instintiva que provoca é um dos aspectos menos explorados pelos poetas, o que se harmoniza plenamente com a larga preferência demonstrada pela exploração da beleza. Aqui o aspecto transitivo do ser é poetizado diretamente pelo seu ostensivo efeito, mas foi a feiúra, da barata, que fornece a substância para o poema. Se não fosse feia não ameaçaria a sobrevivência e as palavras no poema não teria sido escrito. É tão intenso o efeito que se espera e teme. (LYRA, 1986, p.34)

A beleza ali expressa está na escrita, uma tremenda novidade, na descoberta desse encanto. Somente a personagem consegue sentir esse influxo de beleza, porque só os amantes conseguem ter essas sensações, a concentração dela na coisa, “a máxima concentração de poesia consiste na máxima concentração desses aspectos num mesmo ser, e torna significativo a toda a concentração de transitividade”, p. 41), afirma que o valor absoluto não existe por si mesmo. O valor nem existe por si mesmo, um valor absoluto não, apenas nos objetos em que se manifestam e para o sujeito que os percebem que se dá algum valor como objeto ou coisa, esse é o caso da personagem que dá um valor há algo propriamente indestrutivo.

Na inversão de efeitos na transformação, associa dialeticamente os aspectos nos seus opostos e modificam-se ou invertem-se os efeitos dos objetos em conforme as situações em que eles se manifestam.

O significado do feio, a princípio, é repulsivo, em sua configuração normal pode associar a atributos neutralizantes, ao perder seu poder de ameaça e tornar-se, não belo, pelo menos simpático e exercer certa atração sobre o sujeito.

O pequeno a princípio, que na história representa o inseto, insuficientemente concentra-se em certo grau uma carga de humanidade satisfazer como se fosse pleno ou pelo menos passar a ser suficiente, como no humilde apelo/ confissão produzindo uma inesgotável atração. (p. 46). “A barata um ser antigo a princípio redundante, por já conhecimento a séculos, pode, quando encarado por outros ângulos, revelar traços até então despercebidos e produzir atração semelhante á da novidade. Novo quando radicalmente não vivenciado antes,

pode causar tal impacto na sensibilidade do sujeito que provoque uma recusa, um delírio”, de acordo com LYRA. (1986, p. 48)

Para retomar a do aspecto transgressivo que pauta toda experiência erótica: “A experiência interior do erotismo exige daquele que a faz uma sensibilidade à angústia que fundamenta a proibição, tão grande quanto ao desejo que teve de infringi-la. É a sensibilidade religiosa que une sempre estreitamente o desejo e o terror, o prazer intenso e a angústia” (LISPECTOR, 1998, p.32)

A frase que termina o primeiro capítulo já indica a envergadura mística da experiência na qual estamos sendo introduzidos: Num mundo vivo, que assim como diz Clarice, que aponta na obra, esse mundo tem a força de um inferno. Essa mesma frase inicia o capítulo seguinte, em um recurso que se repetirá ao longo de todo o livro.

Clarice afirma que sempre teve certa admiração afetuosa por hábitos e costumes de homens, o jeito masculino os a fascina, é o que ela diz ao estabelecer argumentos em relação à sexualidade e isso, ela deixa bem claro logo de início da obra ao estabelecer uma relação entre ambos os sexos, ou melhor, entre homens e mulheres. E como por acaso tinha o prazer de ser feminina, pois para a autora o dom de ser feminina também é um dos dons para ela, que só teve a facilidade dos dons, e não o espanto das vocações. (LISPECTOR, 1998, p.29).

O contexto “feminino”, como veremos, ganha uma dimensão importante no enredo, nesse momento, ela o aborda tão somente pela via da estética. Primeiro, ela aponta na referência o seu trabalho de escultora, para a autora se referem como a alguém que faz esculturas que não seriam más se tivesse havido menos amadorismo. Para uma mulher essa reputação é socialmente de uma grande importância, que necessita de pessoas de personalidade e ela situou tanto para os outros o seu trabalho como para ela mesma, numa zona que socialmente fica entre mulher e homem, no que a deixava muito mais livre para ser mulher, já que não ocupava formalmente em sê-la. A descrição da beleza de seu apartamento de cobertura é semelhante à forma como até então se relacionara como os homens que teve e também consigo mesma: “A espirituosa elegância de minha casa vem de que tudo aqui está entre aspas. (...) Quanto a mim mesma, sempre conservei uma aspa à esquerda” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

A questão da diferença entre os livros comuns a esse é muito simples, acontece que nessa obra o leitor tem uma grande importância, ele é importante, pois possui papel importante na narrativa e bastante parte participativa na obra.

Essa abordagem é observada, logo de início, a autora dialoga com o leitor, fazendo interrogações, sem respostas na intenção de serem indagadas pelo leitor e esta, no entanto procuram leitores ideais, a autora AMARAL (2005), aborda que tal dissertativa descreve em forma de provocação para ver se realmente esse é um leitor preparado para enfrentar tal leitura, se for se torna ideal, há um princípio, o leitor imagina que tem a alma já formada até então, porque a posse dessa qualidade lhe dá uma distinção. O próprio leitor também não quer

ser um leitor qualquer, quer ser o leitor ideal, apreciado e para que tal fato se concretize precisará obter prazer com uma alegria difícil ou uma leitura difícil. Ter a alma já formada parece ser um anseio para o leitor, que se esforça para adquirir esse *status* e isso equivale a se empenhar para ler o livro e aceitar os valores do mesmo. De acordo com a visão da personagem G.H. se encontra dentro da história uma parte mística que é usada como um suporte ativo da elaboração ficcional, que esta na colaboração do leitor na história.

O processo de leitura na obra tem que ser devagar, penoso, ensina-nos a nota que, sem deixar de ser dedicatória é também, sobretudo um modo sedutor, mas implacável de advertência.

Percebe-se logo de enlace na nota introdutória da epigrafe; leitores de alma já formada, ou seja, preparados para a travessia em direção a desorganização, a desorientação, a dissolução a morte que não deixa de ser, por isso mesmo, sugere que tipo de leitor acompanharia toda a trajetória da história, desde o início marcada pelos sinais de uma linguagem rítmica.

A nota introdutória de *Paixão segundo G.H.* de fato pode ser lida por um lado, como “estratégia de instauração de um pacto de leitura”, sendo que por outro lado, no entanto, este pacto não parece implícito, mas ao contrario, está explícito no texto, num tom em que o que parece timidez, ingenuidade, talvez seja o início do esboço de uma “receita narrativa” que pode ser sintetizada na formula que é feita de suas formas opostas. Nela pode considerado esse convite de um começo de leitura como maneira de exclusão, pois se converte em exclusão, percebesse; “mas eu ficaria contente se fosse lido apenas por pessoas de alma já formada” o caminho a ser percorrido explicita-se como travessia de opostos, a aproximação do que quer que seja se faz [...] entende se como oposto, o leitor atravessa inclusive o oposto daquilo de que se vai aproximar, na sensação de perda, o livro não tira nada de ninguém ao contrário se transforma em ganho, a alegria difícil, se concretizará com lentidão rítmica, hipnótica, ritualística, todas essas características são formadas para AMARAL (2005) a personagem G.H. foi dando, por exemplo, a alegria difícil.

Clarice na sua caracterização opostas de leitor, parece procurar na imagem do leitor algo ao se espelhar, ela quer trazer algo que possa refletir no leitor, no entanto escreve palavra que refletem em que as pessoas possam refletir sobre suas ações. Nessa leitura que é sugerida pela Clarice, o leitor Poe em papel de escritor, em que possuem reações próprias. Esta inversão de papéis remete a caminho de sua verdadeira identidade.

Resumindo se que a verdadeira intenção aqui, ao trazer essa forma oposta, é confundir o que se vê dentro da história com o que se sente no que essa pode nos transmitir e assim obstruir a visão, perder se de si, alienar-se. Afinal o ser humano é feito da mesma matéria viva primaria que existe no dentro da barata, a parte branca (a geléia viva) e que no que tem por fora existe apenas a moldura: primordial no que essa sensação pode trazer no processo civilizatório. Para escapar do neutro, a personagem há muito havia abandonado o ser pela

pessoa que ela era, pela máscara humana, lógico porque a alienação nos sugere nos mascarar para tornar se humano.

Neste ser pelo avesso, detalhadamente não sendo prova que o que ela era, se vê em estado de profundidade da vida na realidade mais profunda do ser, essa que ultrapassa o humano e que constitui a revelação da obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as considerações finais tomando uma fala utilizada no relatório da Associação dos Professores de Letras, que diz que o estudo de Letras implica o estudo do homem, isso é fato comprovado, implica a relação consigo mesmo e com o mundo, e também sua relação com os outros. E não é somente uma teoria e sim caso percebido pelos estudantes no decorrer dos estudos. Mais, além disso, o estudo de letras concentra no estudo de obras que remete a círculos concêntricos cada vez mais amplos: o dos outros escritos do mesmo autor, o da literatura nacional, o da literatura mundial; mas seu contexto final, o mais importante de todos, nos é efetivamente dado pela própria existência humana. Todas as grandes obras, qualquer que seja sua origem, demandam uma reflexão dessa dimensão (CÂNDIDO, p. 90).

O leitor encontra um espaço no livro, de suprir seus próprios sentimentos, através de expressões que o livro nos propõe, principalmente na literatura, expressões que está presente, principalmente, nas palavras e versos, parece-nos ser a fonte de buscar o sentimento interior, buscar a própria alegria, a qual se esconde na vida nos problemas ocasionados pelo cotidiano, no livro independente de qual seja, tudo é possível, no livro presenciam-se os prazeres da imaginação, de viagens que talvez fossem incapazes de se realizar.

É isso que encontramos na escrita de Clarice que demonstra sua paixão pelas letras, a cada folhear, nós, leitores, através das imagens criadas são levados a viver essa paixão. A inibição domina uma parte importante de nossa vida, fato que acontece com G.H. na inibição do desenho na parede e no encontro com a barata. Momento esse que gera a paralisação de G.H. o preço foi muito alto, o preço do prazer, que nem a personagem consegue distinguir, ou melhor, dizer do gozo foi uma satisfação nunca sentida antes. Pois essa, no entanto, foi espontânea, sem planejamento com seus prazeres obrigatórios a medida no cotidiano.

Muitos sentem na falta: uma impossibilidade de coisas que trazem prazer, como o prazer de amar, de fazer o que der vontade e até mesmo de pensar, por questões do cotidiano.

A paixão não é mais um componente do caráter que deve ser governado, mas um fator perturbador.

Fundamenta-se aí na correlação entre razão e paixão, a paixão no caso, segundo Freud essa consegue dominar a razão (FREUD, 1923).

Na fronteira entre Filosofia e Psicanálise, encontramos a questão do amor como paixão e da busca da felicidade.

Ganha aí realce a força do mito do amor, força essa sustentada pela promessa de felicidade plena nas chamadas "histórias de amor", mas também é possível apontar a

estratégia desse mito: manter essa promessa de felicidade, afastando o impossível, uma das denominações do real para Lacan, ou transformando-o em proibido. Freud já observara que o amor tende a funcionar como modelo de busca da felicidade e reconheceu sua natureza ilusória no sentido de consolar e tornar tolerável o mal-estar próprio do desejo humano.

Enfim, com tantas perguntas e outras relacionadas na obra sempre há espera de quem as formule, sempre se espera até o final da jornada, apresentações apaixonantes, durante todo o decorrer da história, que a paixão pelo saber, una nessa empreita.

Se o homem fosse naturalmente um animal solitário, ser-lhe-iam suficientes as paixões da alma, pelas quais se conformaria às próprias coisas, de tal modo que, por meio delas, tivesse em si a notícia das coisas. Um Filósofo inicia se um livro sobre a interpretação por um tratado sobre a significação das vozes, dependendo do que significado das palavras se nota que a paixão está presente na alma. Propõe, de fato, a escritura, as vozes e as paixões da alma. Das paixões da alma, porém, podem inferir-se as coisas ou a realidade própria do ser, e assim devemos dizer que as paixões da alma têm sua origem das próprias coisas ou da realidade.

Atualmente, diferentes discursos sobre os afetos difundem a idéia de que o prazer e a dor fariam parte conjuntamente da maioria das atividades dos seres vivos e, no caso dos seres humanos, estariam diretamente relacionados às paixões da alma. Alguns teóricos afirmam que a paixão é um movimento natural necessário, que se presencia diretamente no ser humano, que nasce do fato de a alma estar engajada na matéria da paixão.

Sintetiza os efeitos nocivos e dolorosos das paixões da alma: de fato, é evidente que do amor nascem na confusão, à loucura, a febre, a insônia, a inquietude e, por vezes, a morte. Do medo derivam o resfriamento do corpo, o desfalecimento, para uns se dá a perda de alegria, a perda das forças, para outros constitui na perda de alguns membros, no caso de G.H. perdera algo, que não conseguiu entender.

A literatura parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvendar um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer. A literatura nasce de uma dupla falta: uma falta sentida no mundo, que se pretende suprir pela linguagem, ela própria sentida em seguida com falta. (MOISÉS, 1990.p. 102)

A personagem foi levada por essa falta, essa levada pelo mundo que vivemos muitas vezes não satisfatórios, sempre fica a falta por questões ocasionadas no cotidiano, mas no encontro com o inseto, deu-se o vislumbre, que por instantes conseguirá suprir a falta do "eu".

Enfim a literatura está sempre apontando o que nos falta, pode ser em nós ou no mundo, e através dos livros ela tenta suprir apontando como essas coisas deveriam ser: *Trágicas ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz.* (Moisés, 1990. p.104).

Contudo, para terminar esse livro apaixonante, com palavras da escritora Vera Maquêa;

Narrar e viver ainda se expressam na continua labuta humana diária que se mostra no percurso e nas invenções cotidianas. São infinitas as histórias inventadas por cada um de nós desde que nos lançamos na maravilhosa aventura de viver. Construímos casas, criamos filhos, trabalhamos pela realização profissional, lutamos por um bom emprego, cuidamos de plantas, cultivamos aquela flor que floresce apenas uma vez ao ano; para que? Somente porque é fundamental que pensamos em alguma coisa, que desejamos a vida. (MAQUÊA, 2002, p.27).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Emília. *O leitor segundo G.H: Uma análise do romance, A paixão segundo G.H. de Clarice Lispector/ Emília Amaral.* – Cotia SP: Ateliê Editorial, 2005.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira.* As formas de expressão. Antônio Cândido. 7ª ed. Editora Itatiaia.
- ECO, Umberto, 1932- *Seis passeios pelos bosques da ficção / Umberto Eco: tradução Hildegard Feist.* – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto./ Nádia Battella Gotlib, Editora Ática, série Princípios, 3ª edição.*
- _____ (1995) *Clarice, uma vida que se conta.* São Paulo: Ed: Ática.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo.* Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- LACAN, J. *Variantes do tratamento-padrão.* In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 360.
- LEBRUN, Gerard. *O conceito de paixão.* In: *Obra Coletiva. Os Sentidos da Paixão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17-34.
- _____, Gerard. *O conceito de paixão/ Gerard Lebrun.* In: Novaes, Adalto (org.) *os sentidos da paixão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. págs. 17-33.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo.* Ligia Chiappini Moraes Leite. A polêmica em torno da ilusão, 8ª ed. Editora Ática. 1985.
- LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- LYRA, Pedro. *Conceito de Poesia./ Pedro Lyra.* Editora ática, série Princípios 2ª edição. 1986.
- MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. *Ilhas.* Vera Lúcia da Rocha Maquêa. Cuiabá Design, 2002. p.122.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NUNES, Benedito. *A passagem para o poético/ Benedito Nunes.* Filosofia e Poesia em Heidegger, editora ática, ensaios 122. 2ª ed.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivania: ensaios/ Leyla Perrone-Moisés* – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- KEHL, M. R. *A Psicanálise e o domínio das paixões.* In: *Obra Coletiva. Os Sentidos da Paixão.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 469-496.

TODOROV, Tzvetan, 1939- *A literatura em perigo*/ Tzvetan Todorov; tradução Caio Meira. – 3ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. 96p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE SITES VISITADOS

BACHELARD, Gaston. *Um poeta do mundo*. Do espaço e do devaneio, art. João Ferreira. 07 de Abril de 2005.

BATAILLE, G. (1988) *O erotismo*. Lisboa: Antígona.

FREUD, S. (1919/1973) Lo siniestro [*Das Unheimliche*]. In: *Obras Completas*. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva.

LISPECTOR, C (2007). *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco.

NUNES, Benedito. Profº. do Departamento de Letras da UFAM. *Revista Expressão UFPI*, Teresina 1995, Jan-Jul/. Benedito Nunes.

Sites:

<http://www.amorempoesia.com.br>. Jorge Luiz Vargas “Coisas de Poeta”.

<http://www.consciencia.org/clarice-lispector-a-paixao-segundo-g.h-benedito-nunes>.

http://www.pensador.uol.com.br/paixao_erotico/5/.

<http://www.a-significado.blogspot>.